



Abordar a negação, a distorção e a banalização do Holocausto

*Material
pedagógico*

6

1. Aumentar o conhecimento sobre a população judaica e o judaísmo
2. Ultrapassar preconceitos inconscientes
3. Abordar preconceitos e estereótipos antissemitas
4. Desconstruir as teorias da conspiração
5. Ensinar sobre antissemitismo através da educação sobre o Holocausto

6. Abordar a negação, a distorção e a banalização do Holocausto

7. O antissemitismo e o discurso da memória nacional
8. Lidar com incidentes antissemitas
9. Lidar com o antissemitismo online
10. O antissemitismo e a situação no Médio Oriente

Abordar a negação, a distorção e a banaliza- ção do Holocausto

Os professores da região da OSCE informaram que se depararam com ideias antissemitas durante o ensino sobre o Holocausto.¹ Na atualidade, o antissemitismo existe na forma de preconceito, em que os judeus são confrontados com hostilidade e tratados como se não fossem humanos ou como um grupo externo. Pode manifestar-se nas pessoas em comportamentos, na cultura e várias formas de expressão.² Os sentimentos antissemitas podem alimentar a resistência ao tema do Holocausto e podem manifestar-se como negação, distorção ou banalização de factos históricos.

Por exemplo, por vezes, quando o Holocausto não é totalmente explorado no âmbito do currículo escolar, os jovens podem distorcer o Holocausto devido à ignorância dos factos históricos, ou podem negá-lo como forma de provocação adolescente ou rejeição de uma narrativa estabelecida. Seja qual for o motivo da negação e distorção do Holocausto, este comportamento é normalmente acompanhado por temas antissemitas clássicos ou promove os mesmos, como as acusações sobre ganância, poder, engano e criminalidade.

O objetivo deste material pedagógico é proporcionar uma melhor

compreensão destas expressões de antissemitismo e apoiar os professores no combate às seguintes situações:

- resistência ao ensino do Holocausto e à aprendizagem sobre o mesmo;
- desinformação sobre o Holocausto entre os alunos; e
- paralelos incoerentes ou inadequados que são feitos entre o que os judeus sofreram durante o Holocausto e o que outros grupos sofrem ou sofreram.

¹ M. Eckmann, S. Doyle e J. Ambrosewicz-Jacobs, J. (eds.), *Research in Teaching and Learning About the Holocaust: A Dialogue Beyond Borders* (Berlim: Metropole Verlag, 2017), p. 233, <https://holocaustremembrance.com/sites/default/files/research_in_teaching_and_learning_about_the_holocaust_web.pdf>.

² *Addressing Anti-Semitism Through Education: Guidelines for Policymakers* (Varsóvia: OSCE/ODIHR, 2018), p. 12, <<https://www.osce.org/odihr/383089>>.

Em 2013, os países membros da Aliança Internacional para a Memória do Holocausto (IHRA) chegaram a acordo em relação à Definição Operacional de Negação e Distorção do Holocausto:

“A negação do Holocausto é um discurso e uma propaganda que nega a realidade histórica e a extensão do extermínio dos judeus pelos nazis e os seus cúmplices durante a Segunda Guerra Mundial, conhecido como Holocausto ou Shoah. A negação do Holocausto refere-se especificamente a qualquer tentativa de afirmar que o Holocausto/Shoah nunca ocorreu.

A negação do Holocausto pode incluir a negação pública ou suscitação de dúvidas em relação à utilização dos principais mecanismos de destruição (como as câmaras de gás, os fuzilamentos em massa, a fome e a tortura) ou a intencionalidade do genocídio do povo judeu.

A negação do Holocausto nas suas várias formas é uma expressão de antissemitismo. A tentativa de negar o genocídio dos judeus é um esforço feito no sentido de exo-

nerar o nacional-socialismo e o antissemitismo da culpa ou responsabilidade no genocídio do povo judeu. As formas de negação do Holocausto incluem também culpar os judeus por exagerarem ou criarem o Shoah para obter vantagens políticas ou financeiras, como se o próprio Shoah fosse resultado de uma conspiração elaborada pelos judeus. Neste caso, o objetivo é atribuir a culpa aos judeus e legitimar novamente o antissemitismo.

Os objetivos da negação do Holocausto são normalmente a reabilitação de um antissemitismo explícito e a promoção das ideologias e condições políticas adequadas ao advento do próprio tipo de acontecimento que se tenta negar.”

FONTE: Para consultar a definição completa, ver “Working Definition of Holocaust Denial and Distortion” (Definição Operacional de Negação e Distorção do Holocausto) da IHRA, adotada em 10 de outubro de 2013, em: <<https://www.holocaustremembrance.com/resources/working-definitions-charters/working-definition-holocaust-denial-and-distortion>>

Contexto

Os seguintes termos são normalmente utilizados para descrever os métodos de negação ou distorção do Holocausto:

- **Revisionismo histórico:** defender a revisão de uma certa interpretação dos acontecimentos históricos com base em novas provas ou informações.³
- **“Negacionismo” ou negação histórica:** negar que um acontecimento tenha ocorrido ou minimizar a sua escala e o seu impacto.⁴

Durante a Segunda Guerra Mundial, os nazis e os seus aliados começaram a promover a ideia de que o genocídio dos judeus não estava a ocorrer, que as câmaras de gás não existiam e que o número de vítimas judias era muito inferior a seis milhões. Atualmente, continua a verificar-se este tipo de negação ou “negacionismo” do Holocausto, que visa apresentar o regime nazi e os seus colaboradores de modo mais favorável e apagar qualquer memória dos horrores que ocorreram.

Nalguns países, o processo de assimilação do Holocausto resultou no que foi definido como “antissemitismo secundário”, que se refere à noção de que a própria presença dos judeus recorda as outras pessoas do Holocausto e, por conseguinte, evoca sentimentos de culpa em relação a esse acontecimento, sentimentos pelos quais os judeus são culpados.⁵ O antissemitismo secundário viabiliza a expressão indireta de sentimentos antissemitas e é normalmente considerado uma reação aos sentimentos

³ Ronald J. Berger, *Fathoming the Holocaust: A Social Problems Approach* (Aldine Transaction, 2002), p. 154.

⁴ Alguns historiadores do Holocausto observaram que a negação do Holocausto assume muitas vezes o disfarce do revisionismo, uma forma legítima de crítica histórica. Ver: Omer Bartov, “Introduction” em Omer Bartov (ed.), *The Holocaust: Origins, Implementation, and Aftermath* (Routledge, 2000), pp. 10-12.

⁵ Peter Schönbach, *Reaktionen auf die antisemitische Welle im Winter 1959/60* (Frankfurt am Main: Europäische Verlagsanstalt, 1961), p. 80.

de culpa que desafiam o sentido de identidade nacional positiva de cada pessoa.

Além disso, os processos de revisionismo histórico podem por vezes omitir ou manipular factos para alimentar determinadas narrativas de identidade nacional que são mais confortáveis psicologicamente ou politicamente expeditas. No entanto, negar que houve quem colaborasse com os nazis é uma distorção dos factos e desonra a memória dos seis milhões de judeus mortos durante o Holocausto.

Em muitos casos, o objetivo da negação do Holocausto é desafiar a história do sofrimento do povo judeu durante a guerra. É também este o objetivo dos esforços feitos para banalizar o que aconteceu.

A negação do Holocausto pode ser motivada pelo ódio direcionado aos judeus ou pela competição na vitimização, e baseia-se na alegação de que o Holocausto foi inventado ou exagerado pelos judeus no âmbito de uma conspiração para promover os interesses judaicos. Há teorias da conspiração a circular que afirmam que o “embuste” do Holocausto foi criado para beneficiar ou defender os interesses do estado de Israel, uma ideia muitas vezes instrumentalizada no discurso antissionista. Os negacionistas do Holocausto dependem das ideias antissemitas e reforçam-nas.

A negação do Holocausto assume muitas formas diferentes e, nalguns casos, pode ser encarada como parte de um movimento “antissistema” cujo objetivo é mobilizar

a juventude através da cultura popular. Por exemplo, um “comediante” francês utilizou uma narrativa na qual os judeus e Israel são representados como o Diabo que manipula o “sistema”, e ao qual é necessário resistir. Este é um tropo antissemita antigo e muito comum.⁶ A adesão a estas ideias é simbolizada por um gesto da mão denominado “quenelle”, que circula em fotografias nas redes sociais e é feito muitas vezes em frente de memoriais do Holocausto ou locais religiosos judaicos.⁷

Para consultar uma linha temporal da negação do Holocausto, ver: “Holocaust Denial: Key Dates”, Museu do Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, <<https://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10008003>>.

Para consultar as principais fontes de informação sobre o Holocausto que foram utilizadas durante os julgamentos dos criminosos nazis, ver: “Evidence from the Holocaust”, Museu do Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/combating-holocaust-denial-evidence-of-the-holocaust-presented-at-nuremberg>>.

“A principal motivação da maioria dos negacionistas é o antissemitismo e, para eles, o Holocausto é um facto histórico irritantemente incómodo.”

FONTE: Walter Reich, “Erasing the Holocaust”, The New York Times, 11 de julho de 1993.

⁶ Estas ações deram origem a condenações na Bélgica no âmbito do discurso antissemita, e em França devido ao incitamento ao ódio racial ao abrigo da Lei Gayssot de 1990.

⁷ Por vezes apelidada de saudação nazi invertida, este gesto tornou-se uma notícia internacional em 2013, com uma onda de interesse no Google depois de vários atletas profissionais de alto nível o terem utilizado (ver: “Quenelle”, Google Trends, <<https://trends.google.com/trends/explore?date=2014-01-01%202014-12-31&q=quenelle>>). Relativamente ao debate na comunicação social em França, ver, por exemplo: “«Quenelle», comment un geste antisémite est devenu un emblème [“Quenelle”: como um gesto antissemita se está a tornar um emblema]”, Le Monde, 11 de dezembro de 2013 (em francês), <https://www.lemonde.fr/politique/article/2013/12/11/quenelle-comment-un-geste-provocateur-est-devenu-un-embleme_3528089_823448.html>.

O assassinato de seis milhões de judeus durante o Holocausto é o genocídio mais amplamente documentado da história. Durante o Holocausto, os nazis e os seus aliados mantiveram registos meticulosos, incluindo centenas de milhões de páginas de documentação com a descrição dos planos e da execução desta atrocidade. Existe também uma grande quantidade de documentação em filmes e fotografias do período que se seguiu ao fim do Holocausto, nomeadamente a libertação dos campos de concentração, as valas comuns que foram descobertas, os inúmeros relatos de testemunhas oculares e os testemunhos dos sobreviventes do Holocausto.

Apesar desta extensa documentação, a negação do Holocausto ainda persiste atualmente. É muitas vezes utilizada para atrair novos seguidores para movimentos neonazis ou outros movimentos extremistas. É importante sublinhar que, embora não haja consenso na OSCE relativamente à criminalização do discurso, a negação do Holocausto é considerada crime em vários estados participantes da OSCE.⁸

Uma educação eficaz sobre o Holocausto deve permitir aos alunos identificar e rejeitar mensagens de negação e distorção de factos históricos. Os educadores devem debater as motivações do recurso à negação do Holocausto como instrumento de propaganda. Este debate é essencial porque os negacionistas do Holocausto disseminam ideias falsas e desinformação que podem parecer razoáveis a um leitor desinformado. É importante que tanto educadores como alunos adquiram competências que lhes permitam articular respostas

concisas e refutar alegações negacionistas quando as encontram.

Em muitos contextos, pode ser contraproducente enfatizar o sofrimento das vítimas numa tentativa de evocar reações de empatia e reduzir o preconceito.⁹ Os professores podem ajudar a minimizar o risco do antissemitismo secundário através do ensino sobre o Holocausto de forma não acusatória e da capacitação dos alunos para o debate ativo sobre o antissemitismo contemporâneo.

Resolução 61/255 da Assembleia Geral das Nações Unidas:

“1. *Condena sem qualquer reserva qualquer negação do Holocausto;*
2. *Exorta todos os Estados-Membros a rejeitar, sem reservas, qualquer negação do Holocausto enquanto acontecimento histórico, seja total ou parcialmente, ou quaisquer atividades que tenham esse fim.*”

FONTE: Assembleia Geral das Nações Unidas, *Resolution adopted by the UN General Assembly on Holocaust denial*, em 26 de janeiro de 2007, A/RES/61/255, <<https://documents-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/N06/509/67/PDF/N0650967.pdf>>.

⁸ Professor Michael J. Bazyler, *Holocaust Denial Laws and Other Legislation Criminalizing Promotion of Nazism*, website do Yad Vashem, <<https://www.yadvashem.org/holocaust/holocaust-antisemitism/holocaust-denial-laws.html>>.

⁹ R. Imhoff e R. Banse, “Ongoing Victim Suffering Increases Prejudice: The Case of Secondary Anti-Semitism”, *Psychological Science*, Vol. 20, n.º 12, 2009, pp. 1443-1447.

Estratégias de sala de aula para abordar a negação do Holocausto

Independentemente da natureza da negação, distorção ou banalização do Holocausto que possa surgir na sala de aula, os professores têm a responsabilidade e a oportunidade de abordar este tópico complexo. Os professores têm de considerar estrategicamente a respetiva abordagem pedagógica para garantir que esta tem o potencial de transformar qualquer resistência dos alunos ao assunto numa apreciação das aulas que este trauma coletivo da história moderna pode oferecer à sociedade atual.

A secção abaixo fornece algumas ferramentas pedagógicas para apoiar os professores nos seus esforços para abordar esta questão complexa.

O que devo fazer se...?

... alguém comentar “Mas o grupo [...] foi tanto vítima dos nazis como os judeus”?

É fundamental reconhecer todas as vítimas das atrocidades nazis. Houve muitas vítimas, cada uma com a sua própria experiência individual e aterradora. É útil esclarecer, desde o início, quem foi alvo de perseguição pelo nacional-socialismo e por que motivos, e incluir referências aos diversos grupos no ensino sobre este período.¹⁰

A ideologia nazi era violenta e tóxica, definida sobretudo pela sua teoria racial de que a raça “ariana” alemã era considerada superior a todas as outras e necessitava de proteção contra as denominadas “ameaças biológicas”.

De acordo com a “teoria racial” nazi, as minorias “roma” e “sinti” eram consideradas racialmente inferiores e encaradas como “associais” (isto é, não se enquadravam naquilo que os nazis consideravam uma sociedade “normal”). Foram atacadas com base em fundamentos

raciais e submetidas a aprisionamento, deportação, trabalhos forçados, fuzilamentos e envio para campos de morte, no que se tornou um genocídio da minoria “roma”. O seu destino foi muito semelhante ao do povo judeu.¹¹

Os polacos, os povos eslavos e os denominados povos asiáticos da União Soviética também foram considerados “racialmente inferiores”. As suas elites intelectuais, culturais e políticas foram alvos de assassinatos em massa. Durante o inverno de 1941-1942, cerca de dois milhões de prisioneiros de guerra soviéticos morreram devido às terríveis condições a que foram intencionalmente sujeitos.¹² Sob ocupação nazi, os polacos foram sujeitos a trabalhos forçados, deportação e aprisionamento em campos de concentração.¹³

As pessoas institucionalizadas com deficiências, incluindo crianças, foram alvos de assassinatos em

¹⁰ O workshop “Nazi Ideology and Victims of the Holocaust and Nazi Persecution” (Ideologia nazi e vítimas do Holocausto e da perseguição nazi) conduzido pelo Dr. William Frederick Meinecke, Jr., que se encontra disponível no website do Museu do Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, destaca a primazia dos judeus enquanto vítimas do terror nazi, aborda a intenção dos nazis e explica como e por que motivos outros grupos foram também visados, <<https://www.ushmm.org/educators/online-workshop/guest-lecture-nazi-ideology-and-victims/overview>>.

¹¹ Museu do Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, “Genocide of European Roma (Gypsies), 1939-1945”, <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/genocide-of-european-roma-gypsies-1939-1945>>; e “Sinti and Roma: Victims of the Nazi Era”, <<https://www.ushmm.org/learn/students/learning-materials-and-resources/sinti-and-roma-victims-of-the-nazi-era>>.

¹² Museu do Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, “Mosaic of Victims: In Depth”, <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/mosaic-of-victims-in-depth>>.

¹³ Museu do Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, “Polish Victims”, <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/polish-victims>>.

¹⁴ Museu do Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, “‘Euthanasia’ Killings”: <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/euthanasia-program>>.

massa na Alemanha nazi.¹⁴ As pessoas homossexuais, as Testemunhas de Jeová e os denominados “associais”, bem como os criminosos reincidentes (efetiva ou aparentemente) foram perseguidos e encarcerados em campos de concentração, o que resultou na morte de muitas destas pessoas. Os opositores políticos, reais ou vistos como tal, foram também perseguidos, presos em campos de concentração ou assassinados.¹⁵

Os judeus foram especificamente visados pelos nazis e os seus aliados para aniquilação física sistemática e deliberada. Os nazis utilizaram o termo de código “Solução Final” para se referirem a estes planos de extermínio cujo objetivo último era a aniquilação de todos os judeus europeus.¹⁶ Os judeus foram classificados pelos nazis como o “inimigo” prioritário. Os nazis e os seus aliados conseguiram matar dois terços de todos os judeus europeus, incluindo mais de um milhão de crianças judias.¹⁷ Estes aspetos ideológicos fazem do Holocausto um acontecimento único, sem precedentes e sem paralelo na história moderna.

Compreender o que pode estar por detrás da recusa ou resistência de alguém reconhecer a extensão dos horrores que os judeus sofreram no Holocausto irá ajudá-lo responder de forma eficaz a esta situação. As possíveis razões são apresentadas nos parágrafos que se seguem, juntamente com as respostas sugeridas:

Uma necessidade de reconhecimento do sofrimento vivido pela sua própria família ou pelo seu povo

É possível que esta resposta tenha origem na raiva, frustração ou ressentimento em relação àquilo que é interpretado como reconhecimento insuficiente do sofrimento de outro grupo de vítimas. O reconhecimento das muitas vítimas da ideologia nazi pode aumentar a empatia dos alunos pelo povo judeu devido à gravidade daquilo que este sofreu durante esse período.

Considere pedir aos alunos que investiguem os seus próprios antecedentes familiares desde o tempo da Segunda Guerra Mundial. Peça-lhes que reflitam sobre a realidade

do tempo da guerra que os seus antepassados enfrentaram, e talvez até que iniciem uma conversa nas suas famílias sobre as suas experiências. Nos casos em que as famílias emigraram de outra região do mundo para a Europa, pergunte-lhes quais poderiam ter sido as consequências do regime nazi para essas famílias. Teriam sido aceites e protegidos como parte da “raça superior”?

Resistência à aceitação do facto de os judeus serem vítimas devido a uma percepção ou apego à ideia de que os judeus são perseguidores

Tente compreender o que está na origem desta resistência:

- Esta resistência está associada à informação, possivelmente simplificada ou enviesada, sobre circunstâncias históricas ou contemporâneas?
- Será que foi influenciada ou até tem origem em preconceitos antissemitas, como as teorias da conspiração?

¹⁵ Genocide of European Roma, Museu do Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, *op. cit.*, nota 12.

¹⁶ “A Solução Final da Questão Judaica” foi um conjunto de planos apresentados pelo general das SS Reynhard Heydrich, chefe do Gabinete Principal de Segurança do Reich, aos principais oficiais nazis na Conferência de Wannsee em janeiro de 1942. Estabeleceu os planos da Alemanha nazi para aniquilar 11 milhões de judeus europeus, incluindo das partes da Europa que não eram controladas pela Alemanha nazi e os seus aliados. Ver: Museu do Memorial do Holocausto dos EUA, “Wannsee Conference and the ‘Final Solution’”, <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/wannsee-conference-and-the-final-solution>>.

¹⁷ Museu do Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, “Children during the Holocaust”, <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/children-during-the-holocaust?series=19126>>.

Para obter mais informações, consulte os materiais pedagógicos n.º 3 e 4 do ODIHR, “Abordar preconceitos e estereótipos antisemitas” e “Desconstruir as teorias da conspiração”.

Estas respostas irão ajudar a determinar a melhor abordagem. Poderá ter de:

- Explicar como é que o Holocausto afetou os judeus e desconstruir quaisquer preconceitos antisemitas.
- Dar informações mais completas e precisas sobre uma circunstância específica na qual os judeus são encarados como opressores.

Os relatos factuais de atrocidades são difíceis de digerir, e devem ser apresentados aos alunos com o nível de detalhe adequado à sua idade e maturidade.

... alguém disser que o sofrimento dos judeus durante o Holocausto foi igual ao sofrimento de outras pessoas ou grupos de pessoas cujos direitos estão a ser violados hoje em dia?

Por vezes, a empatia dos alunos por um grupo de pessoas que sofrem de injustiça e violações dos direitos humanos pode levá-los a comparar as violações dos direitos humanos e a injustiça do nosso tempo com

o Holocausto. É importante reconhecer esta empatia e confirmar que muitas pessoas e grupos de todo o mundo podem estar a sofrer atrocidades.

Sem minimizar as lutas de qualquer outra pessoa ou grupo, é igualmente importante transmitir que o Holocausto é um acontecimento sem paralelo na história, pelos motivos indicados acima.

Além disso, compreender os elementos específicos da definição e da origem do termo “genocídio” também é útil para explicar a magnitude do Holocausto quando o comparamos com outros tipos de violações dos direitos humanos. O termo foi cunhado em 1943 pelo advogado judeu polaco Raphael Lemkin, que combinou a palavra grega “genos” (raça ou tribo) com a palavra latina “cide” (matar). Os esforços de Lemkin prepararam o terreno para a adoção da Convenção das Nações Unidas sobre o Genocídio em dezembro de 1948, que entrou em vigor em janeiro de 1951. Na Convenção, genocídio significa qualquer dos seguintes atos cometidos **com intenção de destruir**, no todo ou em parte, um

grupo nacional, étnico, racial ou religioso:

- assassinato de membros do grupo;
- causar danos à integridade física ou mental de membros do grupo;
- impor deliberadamente ao grupo condições de vida que possam causar a sua destruição física total ou parcial;
- impor medidas que impeçam a reprodução física dos membros do grupo; e
- transferir à força crianças de um grupo para outro.¹⁸

... alguém disser “O Hitler deveria ter terminado o trabalho”?

Esta afirmação pode revelar um antissemitismo mais extremo, ou pode ter sido dita como provocação na aula, para chamar a atenção. A resposta a esta afirmação deve ser moldada de acordo com a motivação e influências subjacentes à mesma. Poderia ser informativo explorar mais a declaração, tendo o cuidado de não dar aos pontos

¹⁸ Convenção das Nações Unidas para a Prevenção e a Repressão do Crime de Genocídio, Artigo II (9 de dezembro de 1948), <https://www.un.org/en/genocideprevention/documents/atrocity-crimes/Doc.1_Convention%20on%20the%20Prevention%20and%20Punishment%20of%20the%20Crime%20of%20Genocide.pdf>. Este artigo foi aplicado pelo Tribunal Penal Internacional para o Ruanda (TPIR) (ver: Estatuto do Tribunal Penal Internacional para o Ruanda, Artigo 2.º (31 de janeiro de 2010), <<https://www.legal-tools.org/doc/8732d6/pdf/>>) e pelo Tribunal Penal Internacional para a Ex-Jugoslávia (TPIJ) (ver: Estatuto atualizado do Tribunal Penal Internacional para a Ex-Jugoslávia, Artigo 4.º (setembro de 2009), <http://www.icty.org/x/file/Legal%20Library/Statute/statute_sept09_en.pdf>), que decidiram, respetivamente, que os massacres no Ruanda (1994) e em Srebrenica na Bósnia-Herzegovina (1995) foram genocídios.

Atividade

Passa algum tempo com a turma a analisar qual foi a participação dos judeus nas diversas áreas da vida na sua cidade, no seu país ou na Europa ao longo dos tempos, antes e depois do Holocausto. Promova a compreensão

do que significou a presença judaica para o desenvolvimento da Europa ao longo de centenas de anos. Poderá ajudar os alunos a apreciar o significado da perda de dois terços dos judeus europeus no século XX.

de vista extremistas uma voz credível na sala de aula, ao perguntar o que se poderia ganhar num mundo desse género? É provável que expor a fundamentação do aluno para esta declaração permita demonstrar que a mesma tem falhas, mas as respostas ajudarão a determinar o quão profundamente enraizada está a crença desta pessoa numa determinada ideologia, agenda política ou preconceito. Depois de esclarecer as causas subjacentes a esta afirmação, será mais fácil decidir que tipo de seguimento é o mais adequado.

Pode também decidir que é mais apropriado não dar ao aluno uma oportunidade de desenvolver a sua opinião. Neste caso, informe a turma

de que afirmações como estas, que desrespeitam as vítimas ou apelam à violência contra um grupo de pessoas, não serão toleradas. A afirmação, e a reação de outros alunos à mesma, pode ser uma indicação de que é necessária uma abordagem deliberada e faseada para abordar o antissemitismo na sala de aula. Tente ter uma conversa privada com este aluno ou aluna para compreender melhor qual é a origem das suas crenças. Em certos países da OSCE, pode ser necessário informar o(s) aluno(s) de que algumas formas de discurso de ódio ou negação do Holocausto são proibidas por lei.

... um aluno insistir que a realidade do Holocausto é de alguma forma diferente, por exemplo,

dizendo que foram mortas menos pessoas?

Se um aluno da turma exprimir opiniões que distorçam ou banalizem a realidade do Holocausto, use esta opinião como “momento de ensino”. Sem fazer com que o aluno assumira uma posição defensiva, tente compreender qual é a sua fonte de informações. É possível que o aluno esteja a fazer um contraponto ao historial de sofrimento ou perseguição da sua própria família.

Uma abordagem educativa, talvez em coordenação com a família, com assistentes sociais ou outros funcionários da escola, poderá ser suficiente se o aluno:

- demonstrar abertura a outros pontos de vista;
- parecer ter apenas um conhecimento superficial; e
- tiver um grupo de amigos com pontos de vista diferentes.

Tente identificar o que está em jogo para o aluno quando este insiste em minimizar ou negar os factos do Holocausto. De que forma é que o reconhecimento da experiência do povo judeu altera a vida ou a visão de mundo do aluno?

É importante compreender qual é a fonte de informações ou inspiração do aluno para a expressão de distorção, banalização ou negação do Holocausto, uma vez que também pode indicar uma exposição ou um envolvimento em atividades extremistas. Se for o caso, é melhor gerir o problema precocemente para evitar a intensificação do confronto, nomeadamente de comportamentos violentos. Pode optar por consultar um ponto de contacto relevante ou um especialista em casos de extremismo na sua escola ou área de residência para obter aconselhamento sobre os indicadores que devem ser considerados graves e os indicadores que são menos preocupantes.

Recursos e materiais para leitura complementar

A Aliança Internacional para a Memória do Holocausto (IHRA) disponibiliza vários conjuntos de recursos educativos. Ver: “Educational Materials”, IHRA, <<https://www.holocaustremembrance.com/index.php/educational-materials>>.

Para encontrar a organização de recursos, memorial ou museu do Holocausto mais próximo, consulte também o Diretório Internacional da IHRA: <<https://www.holocaustremembrance.com/resources/overview-holocaust-related-organizations>>.

O ODIHR disponibiliza várias diretrizes e recursos de ensino para abordar o antissemitismo através da educação do Holocausto, nomeadamente *Education on the Holocaust and on Anti-Semitism: An Overview and Analysis of Educational Approaches* (Warsaw: OSCE/ODIHR, 2005), <<https://www.osce.org/odihr/18818>>.

Para conhecer livros que apresentam os antecedentes do Holocausto, ver:

Deborah E. Lipstadt, *Denying The Holocaust: The Growing Assault on Truth and Memory* (Nova Iorque: The Free Press, 1994); e

Pierre Vidal-Naquet, *Assassins Of Memory: Essays on the Denial of the Holocaust*, traduzido por Jeffrey Mehlman (Nova Iorque: Columbia University Press, 1992).

O Yad Vashem conta com o maior repositório de informações sobre o Holocausto, e disponibiliza acesso fácil a coleções digitais, material de aprendizagem eletrônica para profissionais, uma base de dados dos nomes das vítimas do Shoah e uma grande quantidade de informações históricas em vários idiomas: <<https://www.yadvashem.org/>>.

A Genocide Watch é um excelente recurso online para compreender os genocídios do passado e da atualidade: <www.genocidewatch.org>.

A Echoes and Reflections disponibiliza uma grande quantidade de recursos curriculares para transferência e oportunidades de aprendizagem online: <www.echoesandreflections.org>.

O website do Museu do Memorial do Holocausto dos Estados Unidos oferece workshops online sobre os temas “Ensinar sobre o Holocausto”, “Ideologia nazi e vítimas do Holocausto e da perseguição nazi” e “Testemunho pessoal”, bem como muitos planos de aulas para professores e um Glossário anotado de termos e símbolos neonazis e de supremacia branca, ver: <<https://www.ushmm.org/teach>>; <<https://www.ushmm.org/educators/lesson-plans>>; e <<https://www.ushmm.org/confront-antisemitism/origins-of-neo-nazi-and-white-supremacist-terms-and-symbols>>.

O Mémorial de la Shoah disponibiliza muitos recursos para educadores, nomeadamente uma Enciclopédia Multimédia e respostas a perguntas frequentes para professores do ensino primário e secundário, ver: <<http://www.memorialdelashoah.org/en/education-training/references-for-teachers.html>>.

O website do Museu Memorial de Auschwitz-Birkenau disponibiliza muitos recursos, nomeadamente publicações que podem ser transferidas e uma extensa série de cursos de aprendizagem eletrônica: <www.auschwitz.org>; e <<http://auschwitz.org/en/education/>>.

